

De *mujer negra* para “A negra mulher do rio”: novas miradas para a identidade afro hispano- caribenha a partir da tradução de um conto de Fabián Dobles

Nylcéa Thereza de Siqueira Pedra¹
Phelipe de Lima Cerdeira²

Resumo: O presente projeto de tradução apresenta o conto “La mujer negra del río”, do escritor costarricense Fabián Dobles, traduzido pela primeira vez para o português brasileiro. No texto de apresentação da tradução, destaca-se o lugar de enunciação do escritor na literatura costarricense e no contexto da literatura afro hispano-caribenha. Além disso, também são expostos os critérios de tradução utilizados, justificando o intuito de entender o texto literário como um lugar para a discussão da identidade, do outro e do latino-americano.

Palavras-Chave: literatura afro hispano-caribenha; Fabián Dobles; identidade.

Pensar a respeito da literatura negra ou – como preferem alguns críticos – da literatura que se ocupa em refletir e registrar a identidade negra é, sem dúvida alguma, um desafio. A afirmação não se deve ao fato de que a temática abranja parâmetros formais exclusivos, mas, ao contrário, porque esta possibilita uma discussão que envolve os movimentos sofridos de maneira geral pelos estudos literários. Ao aproximar um texto ou uma obra à seara da identidade negra, parece inevitável a convergência de discussões que partem da condição de alteridade ou da busca por retratar o “ex-cêntrico” (HUTCHEON, 1991) até alicerces balizadores da

1 Doutora em Estudos Literários. Professora do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal do Paraná.

2 Doutorando em Letras – Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná.

crítica literária, como o estabelecimento de cânones a partir de recortes ideológicos e o tensionamento do que se entende como literatura nacional (OVIEDO, 2001).

O repto fica mais instigante quando se tem em jogo a possibilidade de vislumbrar a identidade negra no que diz respeito à produção literária caribenha. Diante de tal espaço de enunciação, exige-se certa experimentação, curiosidade e um trânsito distinto de investigação, transcendendo o caminho habitual de grande parte das historiografias literárias. Assim, foi possível chegar ao nosso rio-Reventazón Fabián Dobles e ao seu conto “La mujer negra del río”, presente na Antologia *Cuentos Negristas*³ (2003), e traduzido pela primeira vez ao português para este trabalho.

Ao ser nomeado para figurar a seção “Costa Rica” da obra *Cuentos Negristas*, Dobles é personificado por Salvador Bueno como “[c]ontista, romancista e poeta, é o mais prolixo narrador contemporâneo costarricense.”⁴ (SALVADOR BUENO, 2003, p. 32, grifos nossos). Ainda que de etnia branca, a menção a Fabián Dobles para a discussão da identidade negra na literatura é justificada pelo organizador, não por um caráter fortuito, mas, sim, por uma baliza posta para a composição de toda a antologia. Presente logo na apresentação do projeto editado pela Biblioteca Ayacucho, ganha destaque o seguinte fragmento:

Românticos, realistas, modernistas, vanguardistas, de costumes, de protesto social ou de indignação sociológica, o rural, o urbano, o proletário, o jogo fonético e a denúncia crua se entrecruzam em uma variedade de registros cuja consequência foi o êxito artístico e a cristalização de seus descobrimentos no flexível gênero literário do conto, tão essencial na tradição literária hispano-americana. Isso não impede que a aproximação narrativa faça referência às lutas do negro para romper as discriminações, racismos seculares e as sequelas da escravidão. Também não impede que tais elementos tenham sido assunto de escritores brancos muito reconhecidos e de escritores de cor em obras que superam o limite das raças (SALVADOR BUENO, 2003, s.n.)⁵.

3 A antologia *Cuentos negristas* corresponde à reunião de 69 escritores do Caribe hispano-falante, além do Equador, Peru e Uruguai.

4 “[c]uentista, novelista y poeta, es el más prolífico narrador contemporáneo costarricense] (nossa tradução)

5 [Românticos, realistas, costumbristas, modernistas, vanguardistas, de protesta social o de indagación sociológica, lo rural, lo urbano, lo proletario, el juego fonético y la ruda denuncia se entrecruzan en una variedad de registros cuyas consecuencias han sido el logro artístico y la cristalización de sus hallazgos en el flexible género literario del cuento, tan esencial en la tradición literaria hispanoamericana. Ello no impide que la aproximación narrativa refiera las luchas del negro por romper las discriminaciones, racismos seculares y secuelas de la esclavitud. Tampoco impide que tales elementos hayan sido asunto de escritores

Ao ler o conto “La mujer negra del río”, se evidencia o quanto Dobles consegue superar eventuais limitações e taxonomias impostas, valorizando a possibilidade de se pensar a identidade negra e, ao mesmo tempo, fortalecer a compreensão da constituição de muitos dos povos latinos. Não se quer dizer aqui que a temática escorre por afluentes secundários, ao contrário: trata-se de uma leitura que percebe no conto do escritor costarrriquenho a identidade negra posta como um elemento determinante para se pensar em questões que vão muito além do *regional* e do *outro*. Exatamente por conta dessa perspectiva, a tradução justificará alguns dos seus principais procedimentos.

Antes de tocar especificamente no projeto e nos critérios de tradução, parece fundamental pontuar que a escolha por Fabián Dobles parte também do interesse em ampliar, nessa fortuna crítica, o espaço possível para a inserção da literatura costarrriquenha. A iniciativa acompanha, dessa forma, a observação de trabalhos elaborados desde o final da década de noventa do século XX, tal como *100 años de literatura costarricense* (1995) ou *Breve historia de la literatura costarricense* (2008), responsáveis por mediar a discussão sobre o fértil desenvolvimento da literatura produzida na Costa Rica e a sua representatividade não somente restrita ao universo de fala hispânica.

Presente em ambas as historiografias, o nome de Fabián Dobles figura com certo destaque, tendo citados os seus trabalhos com a narrativa, seja em romances, ou em contos, buscando plasmar ficcionalmente os problemas sociais que envolviam o seu povo. Por conta dessa perspectiva, Dobles é entendido como um escritor posterior a chamada *Generación Repertorio*, esta que tinha como características a vazão ao estudo de elementos formais na literatura e o início da discussão de temas voltados à identidade da Costa Rica, sobretudo como reflexo das crises pelas quais atravessava o país entre os anos de 1914 e 1930 (ROJAS GONZÁLEZ; OVARES RAMÍREZ, 1995).

O ambiente efervescente, infere-se, parece ter sido fundamental como fonte discursiva de Fabián Dobles, possibilitando a sua inserção na relevante vanguarda *Generación del 40* (SALVADOR BUENO, 2003). Ainda que represente uma delimitação para o projeto literário de Dobles, sua relação é imediata justamente pelo fato de o escritor ter compartilhado a aspiração de diversos intelectuais comprometidos da época, tais como Carlos Luis Fallas – retomado pelo chileno Pablo Neruda – e Joaquín Gutiérrez. De maneira subjacente a grande parte das

blancos muy reconocidos y de escritores de color con obra que supera los límites de las razas] (nossa tradução)

obras de Fabián Dobles, há uma espécie de denúncia dos problemas sociais vividos em seu país, a questão axial da reforma agrária (fato que é, inclusive, retomado no conto traduzido) e, ainda, o trânsito de pessoas do campo para os espaços mais urbanizados.

A partir desse espírito crítico apreendido pela poética de Dobles, passa a ser possível apontar alguns dos principais caminhos escolhidos pela tradução do conto “La mujer negra del río”. Fundamentalmente, ganha destaque uma escolha inicial e fulcral para toda a tradução do conto: a alteração realizada já na sintaxe da construção do próprio título. Ao invés da possível forma “A mulher negra do rio”, preferiu-se a manifestação “A negra mulher do rio”. A inversão entre substantivo e adjetivo reserva a possibilidade de se expandir a literariedade presente no texto original. Ao optar por “negra mulher”, a tradução busca certas ambiguidades possíveis construídas no texto de Dobles – e não aparentes em um primeiro nível de leitura –, justificando algo que soa ser e estar vigorando ao longo de todo o conto. Aspira-se, assim, o estabelecimento de uma metáfora para se entender não somente a identidade negra, mas a desconstrução do sujeito, a conseqüente transformação sofrida e submetida ao coletivo. Em certo sentido, a tradução opta por uma formulação que favorece a leitura de um conto que não trata apenas da cultura negra em si, mas que, de maneira mais profunda, também possibilita a reflexão sobre a percepção de uma “cultura em crise” (EAGLETON, 2011, p. 32). O espírito desse tempo em que bases sólidas são discutidas parece arquitetar Sam Jackson, indivíduo descrito pelo narrador como um “vulcão prestes a soltar fogo pelas ventas”.

De “mujer negra” para “negra mulher”, a tradução permite uma entrada distinta da habitual, valorizando a condição, a propriedade negra como uma metonímia, uma espécie de torrente identitária para se pensar o costarrriquenho, o latino-americano, o sujeito contemporâneo. Nesse sentido, a escolha do nome Sam Jackson para o personagem principal ajuda a subsidiar uma leitura que relativiza o indivíduo, colocando-o como um tipo para se pensar, também, no todo, no coletivo. Tratar-se-ia, portanto, mais do que de um antropônimo específico, de um jogo para falar do que há em comum entre os indivíduos. O uso dialogaria com o próprio universo literário, com a busca de escritores como Henry Fielding, dedicados à constituição do romance já no século XVIII e à ponderação sobre a complexidade do sujeito. Sam Jackson seria também um Tom Jones, poderia, inclusive, caso a tradução assim desejasse, ser um certo “João da Silva” para os leitores lusófonos. Isso significa dizer que Dobles alcança em seu personagem nomear a discussão sobre a condição negra e, ao mesmo tempo, retratar a miscigenação que é característica não somente da Costa Rica, mas da América Latina

como um todo. Por conta disso, mais uma vez, a “mujer negra” dá espaço para a atuação de uma “negra mulher”.

A decisão pela referida inversão sintática não foi fácil, ao contrário. Para tal definição, ganhou função decisória a dimensão semântica do rio Reventazón. Mais do que um mero acidente geográfico, no enredo, o rio parece se transformar em entidade, vira fonte discursiva e leito para a construção da natureza caudalosa de seus personagens. Inevitável, assim, relacioná-lo e utilizá-lo como outro elemento importante para a leitura proposta para a tradução: Reventazón abriga em sua gênese a ambivalência, a imprecisão e a quebra. O olhar busca a ação contida no verbo que é nascente para o nome próprio. Segundo o *Diccionario de la Real Academia*, *reventar* está relacionado ao “desfazer-se em espuma as ondas”⁶ (DRAE, 2014). Essa verdadeira rebentação ajuda a remexer as expectativas, fortalece a compreensão de um ideal de desenraizamento, da dor de uma mãe que sofre – sob um rotundo e silencioso grito – o trauma do desarraigamento. Sam Jackson é o filho costarriquenho, fruto da violência e da exploração. Sua mãe é elo para a identidade negra, mas também para o engendrar de uma nação, de incontáveis leitores contemporâneos.

Sob a inspiração desta “negra mulher”, a tradução busca fundamentar, portanto, cada uma de suas proposições. Desde as primeiras linhas, o conto de Fabián Dobles demarca o seu espaço de enunciação, uma vitrine interessante a respeito da diversidade cultural, histórica e linguística protagonizada na Costa Rica. Dessa maneira, explica-se a decisão por preservar unidades lexicais tão específicas como “tepezcuintle”, reforçando a influência da língua náhuatl para a composição da variedade do espanhol falada no país do escritor. Interessantemente, tal mistura, essa grande miscigenação na base da língua castelhana, não corresponde apenas ao contato do colonizador com os povos ameríndios locais. No conto, ecoam as vozes da língua inglesa, resultado da relevância e da atuação de certa “United” – a *United Fruit Company*, conhecida localmente como *la frutera* ou *El Pulpo*, empresa estadunidense que provocou grandes transformações na economia e na história de diversas nações da América Central. Talvez, por isso, não passe despercebido aos olhos do narrador do conto de Doblés um protagonista que tem a sua fala “enviesada, de inglês e espanhol misturados”. Marcada com tanta expressão nas veias do texto, a grande inquietação, como é possível inferir, estava exatamente na maneira que a tradução encontraria para manter o embate entre as línguas espanhola e inglesa. Por conta disso, foi de-

6 [deshacerse en espuma las olas] (tradução nossa).

cidido que, assim como no texto original, a tradução manteria as interferências do inglês, ajudando a fundamentar um ambiente multicultural e multilinguístico.

Da mesma maneira que as unidades lexicais específicas da língua inglesa ganham espaço no tecido literário do escritor costarriquenho, não é menos considerável a solução ortográfica encontrada pelo autor para marcar uma diferenciação na oralidade do espaço fonético-linguístico caribenho. A referência aqui é quanto à aspiração (muitas vezes, a supressão total) do fonema da oclusiva labiodental vibrante ([d]) ao final de palavras como “pescao”, “colorao”, “mandao”, “pegao”; em casos de contrações da preposição “para”, como em “pa él”; ou ainda, na hipercorreção que deságua na ditongação indevida, como no caso de “piero”. Para valorizar tal diversidade e riqueza, a tradução decidiu também pela manutenção destas variações, trazendo desde soluções-espelho (no caso de “pescao” ou “mandao”) indo até realizações mais particulares como o caso da transposição lexical “vira-lata”, palavra que já traz semanticamente a ideia de hibridização. Necessário, pois, lembrar que também ganhou tratamento particular a opção da tradução pelo uso de notas de rodapé com o intuito de situar minimamente o leitor contemporâneo em relação ao espaço costarriquenho, como os casos da cidade de Puerto de Limón ou, ainda, do rio Reventazón.

A partir de alguns desses procedimentos explicados, convida-se o leitor à experimentação de uma tradução exclusiva para esta publicação. A proposta objetiva, mais uma vez, dar destaque à problemática da identidade negra não pela vertente da alteridade, mas como parte integrante de uma identidade que é, essencialmente, múltipla. Uma oportunidade para valorizar o trabalho de Fabián Dobles, um escritor que, segundo o crítico Enrique Anderson Imbert, foi capaz de, literariamente, irradiar a “dolorosa realidade de injustiças, privilégios e misérias sociais”⁷ (ANDERSON IMBERT *apud* SALVADOR BUENO, 2003, p. 32) de uma nação chamada Costa Rica.

A negra mulher do rio

Em uma viagem ao Porto de Limón⁸, quando conheci Sam Jackson, um negro risonho e simpático como poucos, um hercúleo quarentão de nariz achatado e lábios carnudos como uma melancia cortada pela metade, Sam falava muito da sua fazenda, dos seus cacauzeiros e dos *tepezcuintles*⁹, que, segundo ele, abundavam

7 [dolorosa realidad de injusticias, privilegios y miserias sociales] (tradução nossa)

8 Cidade da Costa Rica, localizada na costa do Caribe, a 152 quilômetros da capital San José.

9 Forma castelhanizada de origem náhuatl – tepeitscuintli – para designar o animal conhecido como paca no Brasil.

por lá, no vale caloroso onde o rio Reventazón¹⁰ crescia e se multiplicava em muitos braços pelas terras baixas e planícies onde até poucos anos atrás a Companhia Bananeira mantinha suas plantações e onde agora ele tinha um pedaço de terra cultivado, sua casa e sua família.

Como fazia muito tempo que eu não comia a carne macia de um *tepezcuinle*, aceitei o convite que ele me fez dias depois para ir passar uma semana na sua “farm”, como Jackson se referia à sua pequena fazenda com ares de grande senhor, fazendo-me acreditar e, sem dúvida, acreditando ele, que as suas humildes posses – das quais, obviamente, não possuía nenhuma escritura legal – constituíam uma riqueza extraordinária. Meu Deus do céu! Que ares de poderoso latifundiário fazia o negro Sam quando me convidava para tomar uns tragos de rum no estabelecimento do Johny, seu amigo, o da taberna alegre das proximidades de Limón! Então me contava, usando sua língua enviesada, de inglês e espanhol misturados, das suas antigas penúrias como trabalhador da companhia, do seu casamento com a mulata Jacinta, da morte do seu pai como consequência da mordida fatal de uma cascavel e, chegando ao presente, dos seus incontáveis esforços, finalmente coroados pelo triunfo de chegar a ter um pedaço de terra próprio, que tinha podido levantar sobre a terra abandonada pela United. Bem, é verdade, aquilo tinha sido realizado sem nenhum trâmite legal, como um parasita, mas o certo é: quem pode dizer que tem escriturado o que possui na zona atlântica? O negro, desprezado pela malária e pela exploração da grande companhia, terminou ficando as suas humildes unhas sobre os despojos dela e hoje se esforça para aderir de alguma maneira à terra esgotada e maltratada pelos antigos cultivos de banana, feitos de maneira exaustiva, voraz. E abrindo os olhos exageradamente ou mostrando seus dentes brilhantes, uma encorpada espiga de milho branco, meu amigo Sam continuava falando, poderoso, sobre seus planos futuros e sobre a forma como pensava saldar as dívidas que ainda o afligiam.

Confesso que quando pigarreava sonoramente entusiasmado: “you’ll see, my friend, you see my cacao farm very soon”, eu imaginava mais do que pude ver chegando lá dias depois. Porque, se estivéssemos falando de extensão, não é possível dizer que ali havia muita, entre o pântano malcheiroso das ribeiras do rio e a planície com colinas que se estendia por todas as direções, coberta de mato e restos de montanha, o que pertencia a Sam Jackson era muito pouca coisa: uma casa erguida à custa de muito trabalho sobre um pequeno elevado dessa terra quente e úmida e umas quantas quadras de cultivo de cacau. Mas que cacau: palidozinho, pequeno, com o talo coberto por uma penugem insistente e asfíxiante, não parecia ser o agouro de uma produção muito boa. Uma parte semeada com milho e algumas cabeças de gado em pasto natural completavam as suas fontes produtivas. Serviam-lhe como

10 Rio pertencente à vertente do Atlântico da Costa Rica, o segundo mais extenso e o mais importante do país.

peões, claro que mal pagos, duas famílias de negros, habitantes de míseras pocilgas, que tinham permanecido ali desde o tempo da Companhia Bananeira.

A fazenda estava rodeada por um estranho horizonte, com uma espécie de bruma calorosa e carregada de malcheirosa umidade que parecia brotar da entranha da terra e, muito perto, se escutava o refrescante sussurro do rio Reventazón, já dono e senhor de um leito extenso e tranquilo, ainda que enganosamente caudaloso, depois de seu longo serpentear de peregrino de fendas e montanhas e bravuras e rápidos descensos espumosos em seu caminho anterior, desde a planície até as chuvosas paragens do litoral atlântico.

Não havia dúvida de que o negro Sam Jackson era um vulcão prestes a soltar fogo pelas ventas; muito otimista e risonho. Mas a verdade é que não lhe faltavam motivos para se sentir satisfeito com aquela terra que agora ninguém ousaria disputar com ele; e para estar muito orgulhoso da sua mulher, mulata muito pálida, mas atraente, e dos seus quatro negrinhos barrigudos, um pouco mais claros do que ele, que correram para recebê-lo quando o viram voltar, gritando-lhe: "hello, father". E foi então quando notei uma coisa que me chamou a atenção: os filhos de Sam tinham os cabelos levemente avermelhados. Instintivamente olhei com atenção os cabelos do homem e vi que os dele, crespos como os de todos os da sua raça, revelavam, no entanto, um vestígio vermelho, ainda que menos pronunciado do que os dos meninos. Não sei por que, mas lhe fiz esta pergunta:

– Escuta, Sam, você não tem nenhuma gota de sangue branco nas veias?

– Diz isso pa o children, negrinhos com cabelos avermelhaos?

– Não, Sam. Os meninos são filhos de mulata e nisso poderia estar a explicação. Mas, você... esses seus cabelos também são um pouco vermelhos e...

Não me respondeu nenhuma palavra; olhou-me de maneira reticente. Pela primeira vez o negro, tão aberto sempre, tão franco, não me pareceu um homem comunicativo.

– Vamos – disse-me finalmente.

Entramos na sua casa, uma casa austera, é certo, onde me apresentou sua mulher, falante e simpática, embora um pouco debilitada e atingida pela malária.

Eu, homem habituado à cidade, passava o dia deitado em uma rede no corredor da casa, lendo penosamente um grosso volume sobre história da literatura antiga que tinha levado comigo, enquanto o fazendeiro e seus peões faziam os trabalhos do campo embaixo do caloroso mormaço das horas de sol. De noite, Sam e outros dois iam comigo até a ribeira do rio, acompanhados de bons cães de caça, para procurar as pegadas do *tepezcuñtle*. Certa noite, depois que Jackson se afastou perseguindo um veado que tinha atravessado o seu caminho e que, com o seu temperamento de bom caçador não poderia deixar escapar livremente, escutei, em meio aos misturados sons do entorno, um grito agudo, uma espécie de uivo, ou lamento – não conseguia distinguir ao certo – que imediatamente me chamou a atenção. Como o grito se repetiu um pouco depois e não sabendo de maneira

clara a que animal atribuí-lo, perguntei ao peão de Sam que tinha ficado comigo espreitando um buraco de *tepezcuintle*. Dei-me conta de que a pergunta o incomodou muito, porque me olhou de um modo que parecia me dizer: “prefiro que me degole, mas não me pergunte isso”. Fiz que não tinha percebido a sua reação e insisti com firmeza, já intrigado com a estranha persistência com que o rude e fascinante gemido continuava, de tempos em tempos, mordendo a negra polpa desta escura fruta que é a noite. E o peão, que falava bem meu idioma, ainda que receoso, finalmente respondeu:

– Não diga ao patrão que tenho lhe falado disso. Esse não é um grito de animal, nem de pessoa viva. É o gemido do rio, da “mulher do rio”, como dizem por aqui. Quando mal tinha chegado a este lugar, perguntei a mesma coisa para Sam Jackson, que em lugar de me responder me deu um safanão e me proibiu de voltar a falar no assunto. Ninguém sabe por que ele não gosta de falar sobre esse grito.

E como o negro ficou quieto, insisti que me contasse tudo o que sabia sobre o estranho acontecimento. Foi então que, com um pouco mais de confiança, me disse que o outro peão, Jeff Garnett, que andava agora com o patrão atrás do véado, tinha narrado há muito tempo uma história muito curiosa sobre uma mulher, também negra, que anos atrás tinha habitado uma casa construída à margem do rio Reventazón e que tinha sido casada, ou amancebada, com um gringo empregado da companhia bananeira...

– Era um gringo estranho. Não gostava de falar com ninguém. Ganhava seus bons trocados como administrador de uma grande fazenda da companhia e depois caía pa cá, na casa que tinha mandado construir para sua mulher, a negra que lhe falei, que ficava por esses laos, junto ao rio. Contam que a negrinha era muito boa; bonita como uma cabra do monte, forte, dançarina e falante como ninguém. Mas gostava muito do rio. Do rio e da caça. Dizem que o gringo a conheceu em algum lugar da costa e quando a trouxe para cá, ela se apaixonou pelo Reventazón. Tiveram um *chacalín*.¹¹ Conforme contam, não nasceu nem um pouco branco. Parece que com o passar do tempo o homem já não vinha com tanta frequência, pois se enrolou com outra mulher, segundo o dizer das pessoas. Além disso, entornava muito whisky e até batia na negra. Ela foi ficando esquiva e perdendo o juízo, como se tivesse pegado a forma de ser daquele gringo. O menino crescia ali, ao Deus dará. Um dia chegou o pai, mamão, bateu brutalmente na mulher até deixá-la quase morta no chão e levou o menininho, que se defendia com chutes e mordidas, mas, como era fraco, não teve outro remédio senão ir com o homem. Tudo isso se soube por que, naquela época, tinha por aqui uma peãozada e foram os peões da companhia que encontraram a mulher inconsciente no chão e viram como o gringo roubava o *chacalín*. Nunca mais se soube deles. Parece que o levou num barco aos Estados

11 Espécie de camarão vermelho, de três ou quatro centímetros, encontrado nos mares do Caribe. Termo utilizado na região para denominar um filho pequeno, equivalente ao termo “pirralho” do português brasileiro.

Unidos. A negra, quando se recuperou um pouco, ficou como louca, desapareceu por um tempo desses laos, com certeza procurando pelo rastro do filho. Porque o filho e o rio eram toda a sua vida, o senhor sabe? E como não conseguiu encontrá-lo, se resignou e voltou para casa meses depois. Mas estava meio abestalhada. Desde então o seu juízo meiou. Foi ficando velha. E nunca mais aceitou nenhum homem. Nunca amou mais ninguém, como se tivesse se cercao de arame farpado pa todo mundo. Dizem que uma vez um peão, hondurenho muito malvado, segundo a sua fama, quis entrar-lhe à força e ela se armou com a sua escopeta e lhe soltou um tiro que quase o abateu. E ninguém sabe como vivia. De pescao, de banana e de animaizinhos que matava por ali. Dizem que agarrava as cobras com as mãos, tirava o couro delas, que depois vendia no povoado e que também fazia cestas muito bonitas. Com o que lhe pagavam por isso, comprava algumas coisas e voltava a se fechar na sua casa. O rio Reventazón, que sempre foi voluntarioso e traiçoeiro, estendeu um braço ao redor da terra onde vivia e converteu o seu cercado em uma ilha. E então é possível dizer que quase não voltou a sair dali. Somente durante os verões, quando o braço de água secava bastante e se podia passar por ele. Depois de algum tempo, construiu de algum jeito uma pequena canoa, com a que ia e vinha de vez em quando. Ninguém se metia com ela porque não era mulher de se meter com ninguém. Sim senhor, dizem que vivia como uma freira solitária. Se dizia que fazia bruxarias, que curava com milagres, que era santa, se contava de tudo um pouco. A verdade é que ia se tornando velha e feia. Já não sobrava nada daquela negra que tantos homens tinham desejado quando era jovem, reta como uma cana e gostosa como uma melancia. E estava lá, com um grande rancor dentro da alma... Com o tempo, até o seu nome foi sendo esquecido e a chamavam somente de “a negra mulher do rio”. Eu estava muito interessado na história. Ela tinha me dominado até o ponto de eu não mais me lembrar dos *tepezcuíntles*, nem da noite, nem do rumor da água. Pensava unicamente naquela mulher solitária, mistura de lenda e de desgarradora realidade, que na verdade era como um símbolo da terra desolada sobre a qual agora me encontrava: a região bananeira do Atlântico; terra negra, negra e bela. Um gringo... depois, o filho: a banana, a banana que foge para longe, em um barco; e o desespero da mulher – a terra – que vai se tornando velha, desbotada, estéril. Só lhe resta o rio; a chuva, o animal selvagem e seu rio Reventazón, porque o estrangeiro, que lhe arrebatou o filho, a abandonou... para sorte dela, sim, para sorte dela. O que dói é o menino, o fruto, o suor perdido da entranha.

E direi o que o negro continuou narrando.

Foi na época do famoso temporal do ano de 1932. O rio cresceu e cresceu, bramando como um touro que causava pavor. Chegaram algumas pessoas que gritaram para que a negra saísse dali e se atravessasse a chegar até a margem com a sua canoa, porque, senão, as águas arrasariam a sua casa e também lhe arrastariam. Mas foi inútil. Ou os gritos que davam não chegavam até ela, pelo ruído do furioso turbilhão das águas achocolatadas e da chuva incessante, ou a mulher do rio estava surda, surda da alma, surda de rancor, surda de vida.

Uma noite, no momento em que o Reventazón estava mais turvo e subia mais, precisamente quando o dilúvio tinha cessado momentaneamente e a lua brilhava esfumada, viram-na sair, com a água batendo no joelho, e escutaram o seu grito, o seu uivo com as mãos para cima. Assemelhava-se a uma assombração no meio dessas violentas águas que naquele instante conseguiam arrancar a sua casa pela raiz e arrastá-la em seu tumulto. Pouco depois, um último grito – que era chamamento e maldição, e alarido de alegria –, o turbilhão também a abateu e já não se voltou a vê-la, devorada pelas poderosas ondas.

Contam também que meses depois, um negro jovem e forte, que acabava de aportar em Limón como marinheiro de um barco de carga, veio até estes lugares e perguntou sobre o paradeiro da negra. Quando lhe contaram a verdade, uivou uma maldição contra seu pai, o gringo, e, fechando os punhos, se afastou e não voltaram a vê-lo por aqui. Era o filho da mulher do rio.

Essa foi a história que me contou aquele peão naquela noite.

Sam e o outro peão voltaram muito orgulhosos com o veado morto. Mas eu tinha o pensamento em outro lugar. No entanto, continuava me intrigando aquela cor avermelhada do cabelo de Sam Jackson.

Tempo depois, estando outra vez no porto de Limón, tive a sorte de me encontrar de novo com Sam, sempre alegre, brincalhão e otimista. Faltava-lhe um dente, que havia perdido na briga com um dos seus peões; precisamente aquele que tinha me narrado a surpreendente história da negra solitária. E eu não pude deixar de notar, porque ele tinha o maldito costume de rir com a sua enorme boca aberta aos quatro cantos e, é claro, lhe perguntei o motivo da perda.

– Este paisano, my friend, lhe contou uma história que eu tinha proibido de contar, sim senhor... Não gosto de ouvir bobagens na minha fazenda. Yes, sir, não gosto. Brigamos.

Estava sério, terrivelmente sério.

– Não entendo por quê, Sam.

Ficou em silêncio. Naquele momento, uma luz incidia sobre a sua cabeça e o anil negro-avermelhado de seus cabelos brilhava estranhamente. Atrévi-me a me arriscar:

– Diga-me, Sam. Você me contou uma vez que seu pai morreu com uma picada de serpente... Seu pai era negro?

– Yes, my friend, jamaicano – respondeu rapidamente.

– E me diga outra coisa, Sam, você que é tão franco: aquele norte-americano, o da história do peão da sua fazenda... Não tinha o cabelo vermelho?

Eu não sei como os negros empalidecem; mas me pareceu que Sam ficou intensamente pálido.

Gaguejou roucamente. Tive a impressão de tê-lo ferido até os ossos com a minha pergunta.

Sim, minha suspeita era verdadeira; minha intuição não tinha se enganado. Ele me confessou mais tarde, depois que, em um pequeno bar do porto, tinha tomado

alguns runs comigo. Seu pai não era negro. Seu pai era aquele gringo de cabelo vermelho, que um dia o roubou para levá-lo a um país onde, arrrrr (Sam cuspiu significativamente), tratam o negro...

– ... como vira-lata, my good friend, como vira-lata.

E agora ele mora na mesma terra de sua mãe, junto ao rio que lhe serviu de sepulcro. E em um lugar escondido na ribeira, no meio dos juncos, sob um monte de areia, tem uma cruz para a negra que o pariu assim, com a pele escura como a dela, e que quando jovem tinha sido alegre, sim, alegre e brincalhona como Sam.

Referências bibliográficas

DOBLES, Fabián. La mujer negra del río: In: BUENO, Salvador (Org.). *Cuentos negristas*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 2003, p. 32-38.

DRAE. *Diccionario de la Real Academia Española on-line*. Disponível em: <<http://www.rae.es/>>. Acesso em: 09/04/2015.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. 2ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-Modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1991.

JOZEF, Bella. *História da Literatura Hispano-Americana*. 4. ed., rev. E ampliada. Rio de Janeiro: Editora UFRJ-Francisco Alves Editora, 2005.

OVIEDO, José Miguel. *Historia de la literatura hispanoamericana*. Madrid: Alianza, 2001, v. 1.

QUESADA SOTO, Álvaro. *Breve historia de la literatura costarricense*. San José: Editorial Costa Rica, 2008.

ROJAS GONZÁLEZ, Margarita; OVARES RAMÍREZ, Flora. *100 años de literatura costarricense*. San José: Ediciones Farben, 1995.

SALVADOR BUENO (Org.) *Cuentos Negristas*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 2003. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=5CfGvFYOo6oC&pg=PA5&lpq=PA5&dq=Manuel+Zapata+Olivella+cuentos&source=bl&ots=DpNuSQLWjX&sig=Vq8HhApmLIRwPIJjh7-3QxlKAYM&hl=pt-BR&sa=X&ei=QunUVO_jLYmJsQTu g4CoBA&ved=0CC0Q6AEwAg#v=onepage&q=Manuel%20Zapata%20Olivella%20cuentos&f=false>. Acesso em: 12/04/2015.